

Lançando um Olhar sobre Bourdieu: uma Leitura Cronológica de seus Principais Conceitos

LUDMILA MARIA BATISTA DE BRITO-RIBEIRO

MCTIC - MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES

ludmila.brito12@gmail.com

DARCY MITIKO MORI HANASHIRO

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (MACKENZIE)

darcyhanashiro@gmail.com

INTRODUÇÃO

Bourdieu é considerado um dos maiores sociólogos do século XX (PINTO, 1998).

No Brasil, embora haja uma relevante produção científica baseada na teoria de Bourdieu, pouco conhecimento sistemático existe no campo dos estudos organizacionais. Souza e Fenili (2016), ao propor o estudo da cultura organizacional à luz do quadro teórico de Bourdieu, analisaram os artigos científicos publicados entre 2003 e 2013 e identificaram carência de esforços em abordagens culturais que utilizem esta base teórica. Foi realizado um levantamento no período entre 2013 e 2017, nas bases SciELO¹ e SPELL, visando a complementar o trabalho empreendido por Souza e Fenili (2016).

Na base de dados SciELO foram aplicados os filtros “Bourdieu” e “ciências sociais”. A busca resultou em 19 artigos. Alguns não têm a teoria de Bourdieu como aspecto central do estudo (CAMPOS, 2016; MELO; REGIS; VAN BELLEN, 2015; REED, 2014); já outros se baseiam nos conceitos centrais desse autor – *campus* e/ou *habitus* e/ou *capital* (SALTORATO; BENATTI, 2017; SCHADECK et al., 2016; MARTINS, 2016; BUENO, 2016; ETCHEVERRY, 2016; PEROSA et al., 2016; KUPSKI; SILVA, 2016; RIVERA; BRITO, 2015; SILVEIRA; CAREGNATO, 2015; PINO, 2014; SANTOS; DOURADO, 2014; BERNARDES, 2013; SALES; COSTA, 2013; GAIÃO; LEÃO, 2013). Apenas um estudo aborda o conceito de dominação de Bourdieu de forma mais detalhada (TAVARES NETO; MEZZARROBA, 2016), conceito este que permeou as pesquisas bourdieusianas por toda a vida.

No levantamento realizado na base de dados SPELL foram aplicados os filtros “Bourdieu” em autor citado, título do documento e/ou resumo. Retornaram 29 artigos, dos quais nove apareceram na base SciELO. Alguns artigos se repetem (SOUZA; FENILI, 2016; KUPSKI; SILVA, 2016; SCHADECK et al., 2016; RIVERA; BRITO, 2015; MELO; REGIS; VAN BELLEN, 2015; PINO, 2014; SANTOS; DOURADO, 2014; GAIÃO; LEÃO, 2013; SALES; COSTA, 2013), enquanto outros, tal qual ocorreu na pesquisa na base de dados SciELO, utilizam os conceitos centrais de Bourdieu sem, contudo, fazer uso da totalidade da Praxiologia por ele proposta (PEREIRA; LEÃO, 2016; SERVA et al., 2016; CANDIDO; SACOMANO NETO; CÔRTEZ, 2015; SILVA; DIAS; SILVA, 2015; SILVA et al., 2015; BARROSO, 2014; FREYRE; ASSUSA, 2014; ROLLING; VIEIRA, 2014; LEÃO; MELLO; GAIÃO, 2014; SANTOS; SANTANA; BRAGA, 2014; OLIVIERA; MARIZ; SANTOS, 2014; BISPO; SANTOS; DOURADO, 2014; LEMOS; NEVES; RODRIGUES, 2014; DOMINGUES, 2013; SANTOS; BISPO; DOURADOS, 2013; BONFIM, 2013; NATT; YCHIKAWA, 2013; LEÃO et al., 2013; GIESBRETCHT et al., 2013; LEÃO et al., 2013).

Este levantamento em periódicos nacionais mostra que os autores Leão e colaboradores e Santos e colaboradores foram os que mais publicaram. Além disso, evidencia uma expressiva utilização dos conceitos de Bourdieu na área de Ciências Sociais. Entretanto, cabe salientar que a maioria dos autores não adota a praxiologia de Bourdieu completa, fazendo uso exclusivo de um ou mais conceitos, e não integrados. Essa aplicação conceitual restrita evidenciada nas pesquisas empíricas realizadas no Brasil instiga uma reflexão necessária e pertinente, em razão da lacuna que se apresenta: como os conceitos centrais da praxiologia de Bourdieu se desenvolveram ao longo de sua obra. Assim, o objetivo deste ensaio teórico é elucidar a construção do quadro teórico de Bourdieu, mediante a leitura cronológica consubstanciada nos conceitos de *Habitus*, *Campus* e *Capital*. Para compreender a praxiologia de Bourdieu, das 23 obras publicadas pelo autor foram lidos e analisados 17 livros, vários no idioma original.

O artigo está organizado em quatro partes, além desta introdução. A primeira parte descreve a trajetória de Bourdieu, seu percurso acadêmico e o desenvolvimento de sua obra,

desde os estudos na *École Louis-le-Grand* – no liceu – até o seu falecimento como professor titular do *Collège de France*, com passagens de sua história pessoal e profissional; na segunda parte aborda-se a epistemologia de Bourdieu; na terceira expõem-se os principais conceitos que fundamentam a praxiologia de Bourdieu, em ordem cronológica das obras. Na última parte, reflete-se acerca de uma possível aplicação do quadro conceitual no campo dos Estudos Organizacionais, e se apresentam as contribuições do artigo e sugestões para estudos futuros.

BOURDIEU: RAÍZES E FORMAÇÃO

Pierre Bourdieu foi filósofo e autodidata em Antropologia e Sociologia. É considerado, junto com Sartre e Foucault, um dos maiores sociólogos do século XX (PINTO, 1998). De origem humilde, nasceu no sudoeste da França, em 1930, no vilarejo de Denguin, próximo aos Pirineus Atlânticos. Filho de pai funcionário dos Correios e mãe dona-de-casa. Essa origem provençal o perseguiu durante toda a vida (WACQUANT, 2002). A convivência com os colegas, jovens burgueses, na *École Louis-le-Grand*, no Liceu, e na *École Normale Supérieure* – ENS (em 1951) desencadeou um ressentimentoⁱⁱ que marcaria a sua entrada no mundo intelectual parisiense (DORTIER, 2008) e influenciaria suas análises sobre o mundo social (BOURDIEU, 1964). Muitos anos depois, em *Questions de Sociologie* (BOURDIEU, 1984b), ele admitiria que o *ranking* das escolas é uma discriminação social legitimada, naturalizada, que transforma as diferenças de classe em diferenças de natureza.

Filósofo de formação, graduado na ENS – onde estudaram Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Albert Camus e Raymond Aron - sua vida acadêmica e de pesquisa tomou novos rumos quando foi obrigado a prestar serviço militar na Argélia. Entre 1958 e 1960, além do serviço militar, foi assistente na Faculdade de Letras de Alger. Essa convivência com a sociedade cabila o conduziu a desenvolver pesquisas de campo com vertentes mais etnológicas e sociológicas, em busca dos efeitos das transformações econômicas e políticas sobre esta sociedade. Desde o início, não concebia o desenvolvimento de uma teoria dissociada da prática. Período profícuo de produção literária, resultou na publicação, a posteriori, de *Sociologie de L'Algérie* (1958), *Travail et travailleurs en Algérie: données statistiques* (BOURDIEU et al., 1963), e *Le Déracinement: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie* (BOURDIEU; SAYAD, 1964).

Da análise destas obras depreende-se que, a partir da discussão da importância do trabalho no espaço social argelino, para a determinação das posições sociais ocupadas por cada agente neste espaço, formou-se, naquele momento, um novo sociólogo e etnólogo que iria contribuir, e muito, para a análise de fenômenos sociais que envolvam estrutura e ação.

De volta à França, em 1961, Bourdieu assumiu uma cátedra nas Universidades de Sorbonne e Lille. De 1964 até a sua morte atuou na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, onde estabeleceu o *Centre pour la Sociologie, la Éducation et la Culture* (THIRY-CHERQUES, 2006). Bourdieu atingiu o ápice da carreira de pesquisador e docente ao criar a revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, em 1975, ser eleito para o *Collège de France*, em 1981, e criar a cátedra de Sociologia (VASCONCELOS, 2002).

A EPISTEMOLOGIA DE BOURDIEU

A leitura da obra do autorⁱⁱⁱ conduziu ao entendimento de que não há como dissociar sua proposta de teoria social e de dominação, da aplicação que o próprio autor sugere. Somente por meio do estudo em profundidade de parte de sua obra, pode-se perceber que o quadro teórico que ele desenvolveu é resultado de pesquisas empíricas executadas ao longo de mais de trinta anos. A utilização da teoria na prática – praxiologia - é que conduz ao entendimento da proposta “bourdieusiana” de compreensão do espaço social e suas relações.

Bourdieu desenvolveu seus principais conceitos - *campus*, *habitus* e *capital* - a partir de diversas abordagens epistemológicas (THIRY-CHERQUES, 2006). Do estruturalismo deriva a definição de *campus* - como forma de identificar estruturas subjacentes - e *habitus* - como estrutura estruturante (BOURDIEU, 1979). Do interpretativismo fenomenológico deriva o conceito de *habitus* - como estrutura estruturada que permite aos agentes constituírem a realidade social em que estão inseridos. Do funcionalismo apreende os métodos estatísticos de pesquisa empírica e análise do espaço social (BOURDIEU, 1979), mas rejeita a objetividade sistêmica dos métodos “puros” e aceita a subjetividade do caráter de observação da pesquisa de campo (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 1990). Do marxismo, Bourdieu rejeita as ideais de falsa consciência e alienação, mas apreende a ideia de dominação, que é transversal a toda sua obra - das pesquisas nas sociedades cabilas, na Argélia da década de 1960, à estruturação desta dominação, em 1998. Para o autor, a dominação é simbólica, já que é a subjetividade (sistemas de esquemas) que organiza a percepção das disposições objetivas, ou seja, ele admite a existência de uma dominação objetiva material.

Mesmo ao situar o conceito de *campus* no paradigma estruturalista, Bourdieu tenta sintetizar e superar a dicotomia *objetivismo-subjetivismo*.

Esse *objetivismo* pressupõe uma ruptura com a experiência imediata, visando elucidar as estruturas e princípios sociais, gerando um conhecimento do mundo social que não se reduz, somente, ao saber prático de seus agentes. A composição do mundo social ou de um *campus* específico (como o das organizações) pode ser compreendida a partir do vínculo entre relações objetivas e prática dos indivíduos. Esse vínculo determina os recursos - formas de *capital* - comuns aos agentes do *campus*.

Já o *subjetivismo* representa a posição intelectual, parte do mundo social, que pretende compreender a maneira como este mundo se apresenta para aqueles que o integram - atividades práticas dos agentes que compõem este mundo social (BOURDIEU, 1991). Trata-se de uma forma de apreensão imediata da experiência vivida, que se constitui em um modo adequado de conhecimento do mundo social. Com isso, Bourdieu se distancia do estruturalismo clássico, que desconsidera a história e as determinações dos indivíduos (THIRY-CHERQUES, 2006), e adota a visão fenomenológica de que os agentes constroem o mundo social, mas sustenta que as relações objetivas são construídas para estruturar as práticas e as representações constitutivas do *habitus* - que designa um conjunto de disposições e potencialidades inscritas nos corpos dos agentes (BOURDIEU, 1997b), que os levam a agir e reagir de certa maneira, de acordo com uma ideologia dominante (BOURDIEU, 1994).

A superação desta dicotomia se fundamenta nos conceitos de *habitus* e *campus* (PINTO, 1998). O *campus* é um microcosmo social (BOURDIEU, 1997a, 2001) onde se posicionam os agentes (de acordo com o capital específico que detêm), com seus *habitus* - em estado permanente de conflito e jogos - que garantem a reprodução do *campus*. A partir desta base conceitual, Bourdieu realizou pesquisas empíricas nas mais diversas áreas (sociologia, literatura, artes, mundo acadêmico, mundo científico etc.).

Pode-se dividir a obra de Bourdieu em duas partes: a primeira vai de 1961 a 1980, e retrata um Bourdieu estruturalista, sob uma perspectiva epistemológica - que busca na estrutura subjacente (*campus*) a compreensão do mundo social. Ele desenvolve e aplica os principais conceitos de sua teoria prática, quais sejam: *habitus*, *campus* e *capital*.

A segunda parte começa a partir da publicação de *Ce que parler veut dire*, em 1982, e traz um Bourdieu que cede ao discurso, desde que compreendido como construído socialmente, e não somente em sua mera análise semântica (BOURDIEU, 1982, 1991).

Este sociólogo autodidata não aceitava rótulos epistemológicos, mas desenvolveu uma teoria que dizia se situar entre a corrente objetivista de Lévi-Strauss e a subjetivista fenomenológica de Sartre (BOURDIEU, 1997a). Propôs e desenvolveu a construção de uma teoria geral de análise do espaço social e seus agentes - *La Distinction* - (1979) e de uma teoria

prática do conhecimento - *O Senso Prático* (1980). Bourdieu (1994) se fundamenta, em parte, no paradigma estruturalista, ao considerar que as estruturas devem ser analisadas a partir da prática social, mas, ao mesmo tempo, rejeita este estruturalismo ao aceitar a prática dos sujeitos que ele chama agentes. Esses agentes atuam e têm um conhecimento dotado de senso prático; aqui, Bourdieu concorda com a fenomenologia, na ideia de que os agentes constroem a realidade social (THIRY-CHERQUES, 2006). No entanto, difere ao sustentar que esta constituição é estrutural e depende do sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e gostos, de estruturas cognitivas duráveis e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adotada - “senso prático” (BOURDIEU, 1980).

O conceito de *campus* restitui o senso prático dos agentes que o constituem. Neste sentido, Bourdieu procurou superar a alternativa entre o subjetivismo (fenomenológico) e o objetivismo (estruturalista de Lévi-Strauss). Do estruturalismo de Lévi-Strauss e Saussure, Thiry-Cherques (2006) comenta que Bourdieu apreende a noção de que existe uma estrutura subjacente ao social, que representa um dos principais pilares da sua teoria: o conceito de *campo*.

Os *campos* são lugares de lutas, jogos e interesses específicos, que se opõem ao conjunto dos agentes e de instituições que têm em comum possuir uma quantidade de capital (econômico ou cultural) específico suficiente para ocupar posições de poder no *campo* respectivo (BOURDIEU, 2001, p.22).

O subjetivismo, para Bourdieu, é uma posição intelectual que busca compreender a maneira como o mundo “aparece” para aqueles que o veem. O subjetivismo pressupõe uma forma de apreensão imediata da experiência vivida, e pretende que esta apreensão constitua, per se, um modo de conhecimento do mundo social. Já o objetivismo pressupõe uma ruptura com a experiência imediata, e coloca entre parênteses a experiência primeira do mundo social, se esforçando para elucidar o que subjaz às estruturas, informações inacessíveis a toda apreensão imediata (BOURDIEU, 1991). A compreensão da ligação existente entre as relações objetivas, de um lado, e as atividades práticas dos agentes (e o **capital** específico que os caracteriza), de outro, concretiza essa superação entre a oposição de subjetivismo e objetivismo e institui a base conceitual da praxiologia de Bourdieu: *habitus* e *campus* (e **capital**).

PRAXIOLOGIA DE BOURDIEU: DESVELANDO OS CONCEITOS-CHAVE

Para compreender os conceitos-chave apresentados por Bourdieu na Teoria da Prática desenvolvida em mais de três décadas de pesquisas, foi preciso nos debruçar sobre a sua obra e buscar apreender um *modus operandi* próprio (BOURDIEU, 1997b), descrito a seguir. Um aspecto relevante da obra deste autor diz respeito ao desenvolvimento de metodologias, combinando teoria e prática.

***Habitus*: sistemas de esquemas de disposições incorporadas**

O que é *habitus*? Qual o seu significado em Bourdieu? Trata-se de uma palavra de origem aristotélica, e traduz a noção de *hexis* para indicar atributos de corpo e alma assimilados no processo de aprendizagem (SETTON, 2002), à qual Bourdieu acrescenta as noções de *ethos* - disposições morais práticas - e *eidós* - modo de pensar específico (THIRY-CHERQUES, 2006).

De acordo com Patrick Champagne, no prefácio do livro “Os usos sociais da ciência” (BOURDIEU, 1997a), as obras iniciais (BOURDIEU, 1958, 1962, 1963, 1964) permitiram o desenvolvimento do primeiro conceito-chave de sua teoria: a noção de *habitus*, que foi sendo construído ao longo de suas pesquisas. Foi inicialmente resultante da necessidade de compreender a correspondência existente entre as práticas (dos agentes) e as estruturas e condições sociais dos trabalhadores na Argélia. Segundo Bourdieu, a noção de *habitus*,

segmentada, deve ser vista com cuidado, pois corre-se o risco de reforçar uma visão realista que implica pensar em termos de instâncias segmentadas, deixando de lado tudo que não se enquadra nas categorias especificadas. Neste sentido, o autor propõe que, na prática, se abandone a distinção entre *eidos* como sistema de esquemas lógicos e *ethos* como sistema de esquemas práticos, axiológicos, respectivamente. Para ele, a noção de *habitus* engloba, intrinsecamente, a noção de *eidos* e *ethos*, já que os princípios práticos de categorização, que são constitutivos do *habitus*, são indissociavelmente lógicos e axiológicos, teóricos e práticos.

Observa-se, no Quadro 1, uma evolução ou refinamento do conceito de *habitus*, à medida que Bourdieu o utiliza em suas pesquisas empíricas. Esses “esquemas geradores de práticas” e “esquemas geradores de percepção ou apreciação”, em 1979, apresentados como intrínsecos e imutáveis, vão sendo acrescidos de novos aspectos em função da aplicação prática deste conceito: como a imposição do *habitus* ao agente (na análise sobre o professor em *Homo Academicus*); o “fazer parte do corpo” como algo inerente que caracteriza um pertencimento, característica explorada em *Questions de Sociologie* quando se refere a uma provável interdisciplinaridade do conceito com a psicologia social; a importância do estilo de vida (conjunto único de escolhas de pessoas, bens e práticas) na constituição reveladora do *habitus*, em *Raisons Pratiques*; a capacidade de resistência, como no conceito utilizado ao analisar o *habitus* em uma organização – um instituto de pesquisa francês (INRA) - em 1997; e como princípio de construção da realidade, em *Meditations Pascaliennes*.

Esta evolução prática do conceito de *habitus* deveria ter sido utilizada por Bourdieu em “*La domination masculine*”. Nesta obra, de 1998, o autor apresenta uma dominação somatizada, intrínseca, como “pertencimento a” e princípio da construção de uma realidade na sociedade cabila da década de 1960 na Argélia, mas deixa de lado aspectos importantes de sua análise, como o estilo de vida e a capacidade de resistência. O que se observa é que, embora Bourdieu desenvolva os seus conceitos a partir de sua aplicação prática, o autor não parece justificar a não utilização de alguns aspectos de seu arsenal teórico, de acordo com o campo investigado.

Quadro 1 - Leitura cronológica do conceito de *Habitus*

Obra e ano ^{iv}	<i>Habitus</i>
A distinção (1979)	Estrutura estruturada – sistema de esquemas geradores de práticas ou de obras classificáveis – e estrutura estruturante – sistema de esquemas de percepção e de apreciação (o gosto), que constitui o mundo social representado ou o espaço dos estilos de vida (p.162-163)
O senso prático (1980)	“Capacidade infinita de engendrar em toda liberdade (controlada) produtos – pensamentos, percepções, expressões, ações – que sempre têm como limites as condições historicamente e socialmente situadas de sua produção [...]” (p. 91) <i>Senso prático</i> do que tem que ser feito em uma dada situação.
<i>Questions de sociologie</i> (1984b)	Disposições adquiridas, modo de ser ou de fazer encarnados no corpo (p. 29) Sistema de disposições ajustado ao jogo “social” (p. 34) “Produto de toda experiência biográfica” (p. 75) “Sistema de disposições adquiridas por meio de aprendizagem implícita ou explícita, que funciona como um sistema de esquemas geradores [...] de estratégias que podem estar objetivamente em conformidade com os interesses objetivos dos autores sem, contudo, terem sido expressamente concebidas com este fim”. (p. 119-120) Unidade, de sistemas de disposições, que está no princípio dos estilos de vida ^v (p. 189).
<i>Langage et pouvoir symbolique</i> (1991)	Disposições, produto de determinismos sociais, constituídas sem consciência ou constrangimentos (p.79). “Produto de sanções de um mercado ^{vi} com níveis de tensão determinados” (p. 117)
<i>Raisons pratiques</i> (1994)	“Princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida único, quer dizer, um conjunto único de escolhas de pessoas, bens e práticas. Distintos e distintivos, eles operam distinções: eles

	colocam em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferentemente os princípios de diferenciação comuns”. (p.23)
Os usos sociais da ciência (1997a)	“Disposições adquiridas [...] maneiras de ser permanentes, duráveis, que podem, em particular, levá-los (aos agentes sociais) a resistir, a opor-se às forças do <i>campo</i> ” (p. 28)
Méditations pascaliennes (1997b)	Habitus específico: “imposto aos novatos como um “passe” de entrada, é outra coisa que não um modo de pensar específico (um <i>eidos</i>), trata-se de um princípio de construção específica da realidade”. (p. 144). Sistema de disposição inscrito e implicado em determinado espaço social (p. 190) “Sistema de esquemas de percepção, apreciação e ação, que permitem operacionalizar os atos de conhecimento (p. 200). “Espírito de corpo – do qual o espírito de família é um caso particular – adesão visceral do corpo socializado ao corpo social que o constitui e ao qual “fez corpo” ^{vii} (p. 209).
La domination masculine (1998)	Habitus do dominado (do ponto de vista de gênero, etnia, cultura ou língua): “relação social somatizada, lei social convertida em lei incorporada, não são aquelas que se pode suspender por um simples esforço de vontade”. (p. 61)

Fonte: elaborado pelas autoras

Depreende-se, da leitura de Bourdieu, que se trata de um sistema de esquemas de disposições, socialmente construído, que são ao mesmo tempo estruturadas – no social – e estruturantes – nos indivíduos. Mas, o que são esquemas? Esta terminologia vem da psicologia cognitiva. Este ramo da Psicologia busca compreender como as pessoas percebem e pensam as coisas. Esquemas representam as estruturas cognitivas de formação de significado (STERNBERG, 2000).

Segundo Thompson, companheiro de 30 anos de Bourdieu, no prefácio de *Langage et pouvoir symbolique* (BOURDIEU, 1991), as disposições que constituem o **habitus** são interiorizadas, estruturadas, duráveis, geradoras e transponíveis. Para Bourdieu, as disposições são *interiorizadas* graças a um processo gradual de aquisição, nas quais as experiências dentro das instituições desempenham um papel determinante. Essas disposições são *estruturadas* e exibem o reflexo da condição social do agente. A maneira de agir, vestir, andar e falar do agente (sinais exteriores) e o gosto (sinal incorporado) caracterizam e são princípios de produção de práticas distintas, conscientes ou não, da posição social ocupada pelo agente em determinado campo. As disposições são *duráveis* porque estão de tal forma no modo de ser e fazer dos agentes que se “encarnam em seus corpos e perduram por toda a sua vida” (BOURDIEU, 1984a, p. 29). Por fim, as disposições são *geradoras* e *transponíveis* na medida em que os agentes que as possuem podem utilizá-las em práticas e percepções de campos diferentes daqueles em que elas foram adquiridas, isto resulta que o mesmo *habitus* pode “ser utilizado pelo agente em diferentes campos” (BOURDIEU, 1991, p.106).

O **habitus** está, então, inscrito no corpo dos agentes. São sistemas de percepções, apreciação e ação por meio do qual o agente operacionaliza seus atos do conhecimento prático, nem sempre racionais ou conscientes, mas a todo tempo renovados, dentro dos limites do contexto estrutural dos quais são produtos, e que os definem como tal. Isto significa que nem sempre o agente é o sujeito de suas práticas. O **habitus** fornece ao agente um senso de ação e comportamento adequado no decorrer de sua vida. Este senso do que é ou não adequado em determinadas situações é o *senso prático*. O *senso prático* é um estado de corpo que permite ao agente agir “*comme il faut*” (BOURDIEU, 1997b, p. 201). Trata-se, segundo Bourdieu, de um sistema de preferências adquiridas, de princípios de visão e divisão (no senso comum, denominados gostos), de estruturas cognitivas duráveis (produto da incorporação de estruturas objetivas) e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada. O **habitus** é o *senso prático* do que tem que ser feito em uma dada situação – arte de antecipar o que está escrito entre aspas (BOURDIEU, 1994, 1997b). Ou seja, ao compreender o **habitus** do agente,

podem-se entender os esquemas que sustentam essas práticas individuais. No entanto, para Bourdieu, os indivíduos agem sempre dentro de um contexto social específico e, assim, as práticas dos agentes não são produto dos *habitus* per se, mas da relação entre *habitus*, de um lado, e contexto social ou *campo*, de outro.

“Experenciar” o mundo, onde tudo parece evidente, pressupõe um acordo entre as disposições dos agentes e as exigências imanentes ao mundo social em que se inserem (BOURDIEU, 1997b). Essas disposições gerais – *habitus* – correspondem a uma matriz que, em função da posição social ocupada pelo agente no mundo, o leva a pensar e agir sob determinadas circunstâncias. O *habitus* é um sistema de disposições duráveis e transponíveis, “estruturas estruturadas” predispostas a funcionar como “estruturas estruturantes”, quer dizer, que princípios geradores e organizadores de práticas e de representações podem ser objetivamente adaptadas para os seus fins, sem supor o objetivo consciente destes fins, e matriz expressa de operações necessárias para alcançar estes fins (BOURDIEU, 1980).

O *habitus* está no corpo do agente, e as disposições gerais se repetirão quando uma mesma circunstância se repetir (BOURDIEU, 1962). Do estudo da obra deste autor pode-se depreender que diferentes sociedades possuem distintos mecanismos sociais de ajuste destas disposições, oferecendo a cada agente uma experiência diferenciada de mundo social. Pode-se, inclusive, observar que em universos distintos (trabalho, universidades, institutos de pesquisa etc.), a estrutura do espaço dos agentes, distribuídos segundo características próprias de caracterização do *habitus*, ligada ao agente social, corresponde à estrutura do espaço de posições ou de cargos ocupados, distribuídos segundo as características específicas - idade, tempo de serviço (BOURDIEU, 1979, 1984a) e talvez, gênero. Para ele, o *habitus* é produto de uma história, em que o agente investiu no conhecimento prático do mundo, em que a própria ação é socialmente construída, ou seja, estruturada pelo mundo social que a organiza. Isto implica uma formação dual do conhecimento prático. Ele é constrangido pela estrutura objetiva da configuração das propriedades que lhe são apresentadas, mas também é estruturado por meio de esquemas, que compreendem a incorporação dessas estruturas implantadas dentro da seleção e construção dessas propriedades objetivas.

Mas, o que são, de fato, estruturas estruturadas e estruturas estruturantes? Para aqueles que não são iniciados na linguagem de Pierre Bourdieu, explica-se: o *habitus* é inconsciente, invisível aos olhos - do agente - suas condições de produção de comportamentos e julgamentos (TROGER, 2008). Esse aprendizado inconsciente se traduz em uma aptidão natural que evoluiu livremente no mundo social (DORTIER, 2008).

Bourdieu (1997a) afirma que a ação não é meramente reativa, como propõe o relativismo de Weber, nem puramente consciente ou calculada, ou determinista, como defendem alguns autores (BAUDELLOT; ESTABLET, 1992). São as estruturas cognitivas e motivacionais do agente que colocam em jogo o *habitus*, que contribui para determinar como agir ou não agir. As disposições que caracterizam o *habitus* não se conduzem de maneira determinada em direção a uma ação. Pelo contrário, elas só se revelam em circunstâncias próprias, e em relação a determinada situação de seleção social. Trata-se da ideia de que a seleção social ocorre em um espaço social que Bourdieu denomina *campus*^{viii} - microcosmo social - onde os agentes não têm consciência de que, em suas práticas profissionais, produzem esta seleção (DORTIER, 2008). Neste contexto, as estratégias individuais e o potencial de resistência dos indivíduos podem ser articulados à proposta de interpretação do mundo social elaborada por Bourdieu (TROGER, 2008).

O *habitus* é, ao mesmo tempo, princípio geral de ação e princípio diferenciador - ligado às condições particulares de formação ou a uma categoria específica de agentes, ou seja, *habitus* disciplinares – ligados à formação escolar, e *habitus* particulares – ligados à trajetória do agente e à sua posição ocupada no *campus* (BOURDIEU, 2001; CORCUFF, 2008). O *habitus*, como um sistema de disposição em ser e agir, é um desejo de aquisição que, de certo modo, procura

criar as condições de sua realização, exigindo as condições mais favoráveis para que isto aconteça. Cada agente integra, inconscientemente, seus *habitus*, que se traduzem em hábitos de comportamentos, linguagens, julgamento, de relações com o mundo, e que são característicos de sua classe social (DORTIER, 2008). Classe social que, para Bourdieu (1979), não existe, o que existe é a posição ocupada pelo agente social no espaço social que ele ocupa. Ou seja, as condições de formação do *habitus* são também as condições de sua realização, a não ser que ocorra uma alteração na posição ocupada pelo agente no espaço social (BOURDIEU, 1979).

Assim, pode-se concluir que o agente fará o que está ao seu alcance para possibilitar a constante atualização dos potenciais inscritos em seu corpo (*habitus* “feito corpo”), sob a forma de capacidades e disposições que são condições de existência do agente naquele mundo social. Estes *habitus* podem ser compreendidos como um esforço para manter ou produzir um “estado” de mundo social, que seja capaz de oferecer a tal ou qual disposição adquirida – um conhecimento científico, por exemplo – a possibilidade e a ocasião de se atualizar. Este é um dos princípios de escolha cotidiana em matéria de objetos e pessoas: guiados por simpatias e antipatias, afeições e aversões, gostos e desgostos, o agente cria um ambiente em que se sente “em casa” (BOURDIEU, 1997a). Há uma relação intrínseca entre a posição social do agente e os objetos que estão em torno dele – casa, móveis, carro, roupas, etc. - as pessoas com quem se relaciona de modo mais ou menos constante – companheiros (as), amigos (as), colegas de trabalho - e o espaço social que este agente ocupa.

É no conhecimento deste “espaço social” que Bourdieu traz à tona o segundo conceito central de sua teoria: o conceito de *campus*.

Campus: microcosmo social relativamente autônomo

Na obra intitulada *La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du propre de la raison* (Bourdieu, 1975), o autor fez emergir os conceitos de *campus* e **capital científico**. Bourdieu rejeita os que sustentam que se pode apreender a ciência por meio da leitura dos textos (no âmbito de uma abordagem pós-moderna) ou relacionar o texto ao contexto (como propõe o marxismo), ignorando a prática do indivíduo (como faz o estruturalismo). Apresenta a hipótese de que entre texto e contexto existe um espaço intermediário que ele denomina de *campus*, onde “agentes e instituições produzem, reproduzem e difundem a ciência” (BOURDIEU, 2001, p. 20).

A ideia de *campus* surge em seus primeiros escritos sobre a Argélia (BOURDIEU, 1958, 1963). Neste contexto, o *campus* é uma garantia de autonomia e diferenciação na realização da pesquisa empírica. A noção de autonomia permite evidenciar: a) a natureza das pressões externas (sob quais formas se exerce, sob quais formas se manifesta); b) a capacidade de refração do *campus* – “retraduzindo sob uma forma específica as pressões e demandas externas”; e c) as formas de reducionismo. Uma forma de reducionismo é o “erro do curto circuito”, que consiste em reduzir as leis de funcionamento do campus às leis sociais externas. Outra forma de reducionismo consiste em reduzir as estratégias dos agentes às estratégias sociais das quais são apenas uma parte, esquecendo-se de interesses externos – políticos – ou internos – ligados à luta do campo (BOURDIEU, 1997a). A noção de diferenciação assegura a especificidade do objeto, delimitando o microcosmo social a ser estudado. O processo de diferenciação do espaço social que leva à existência do *campus* diz respeito ao ser e conhecer: estabelecendo a diferença, o espaço social produz a diferenciação dos modos de conhecimento do mundo. Bourdieu (1997b) afirma que, a cada campo corresponde um ponto de vista fundamental sobre o espaço social em que está inserido, seja na criação de um objeto próprio, seja no encontro do princípio de compreensão deste objeto criado.

É um sistema de posições específicas que funciona com uma lógica própria. Todo *campus* faz prosperar uma *doxa*, senso comum, e *nomos*, leis gerais que o governam (BOURDIEU,

1984a, pp. 39, 83, 115). Isto significa que o agente que integra um *campus* específico internaliza inconscientemente as regras, os códigos (DORTIER, 2008) e o senso comum deste *campus*.

Em 1980, Bourdieu apresentou o *campus* como “construção social arbitrária e artificial, um artefato que se evoca como tal em tudo o que define sua autonomia, regras explícitas e específicas, espaço e tempo rigidamente delimitados e extraordinários”. A cada momento se pesquisa um campo específico, o *campus* é “relativamente autônomo a respeito do universo social circundante” (BOURDIEU, 2001, p.70). Trata-se de uma pequena parte do mundo social que Bourdieu utilizou, em sua obra (Quadro 2), referindo-se ao mundo literário, artístico, político, acadêmico e científico, entre outros.

Quadro 2 - Leitura cronológica do conceito de *campus*

Obra e ano	<i>Campus</i>
O senso prático (1980)	<i>Campus</i> : “construção social arbitrária e artificial, um artefato que se evoca como tal em tudo o que define sua autonomia, regras explícitas e específicas, espaço e tempo rigidamente delimitados e extraordinários” (p. 109).
<i>Raisons pratiques</i> (1984)	<i>Campus</i> : microcosmo social (p. 68).
<i>Questions de sociologie</i> (1984b)	<i>Campus</i> : espaço de jogo onde se propõem algumas questões (p.34) <i>Campus</i> : “universo onde as características dos produtores são definidas por sua posição nas relações de produção, pelo lugar que ocupam em certo espaço de relações objetivas” (p. 82). <i>Campus</i> : “espaço de jogo, campo de relações objetivas entre os indivíduos ou instituições em competição pelo mesmo problema” (ou pela mesma questão) (p. 197). <i>Campus</i> : “sistema de relações, circunscrito” (p. 204).
<i>Raisons pratiques</i> (1994)	<i>Campus</i> : “eu descrevo o espaço social global como um campo... campo de forças , cuja necessidade se impõe aos agentes que estão engajados neste campo, e como campo de lutas , no interior do qual os agentes se afrontam com os meios e fins diferenciados pela posição que ocupam na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para conservar ou modificar a estrutura” (p. 55). <i>Campus</i> de poder: “espaço de relações de força entre diferentes espécies de capital, mais precisamente, entre os agentes que são suficientemente detentores de diferentes espécies de capital, que os tornam capazes de dominar o campo correspondente, e cujas lutas se intensificam todas as vezes que se coloca em questão o valor relativo de diferentes espécies de capital” (p. 56).
Os usos sociais da ciência (1997a)	<i>Campus</i> : “microcosmos relativamente autônomos” (p. 18) <i>Campus científico</i> : “universo intermediário que chamo de campo literário, artístico, jurídico ou científico, isto é, universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência” (p. 20). <i>Campus</i> : “mundo social” (p. 21). <i>Campus científico autônomo</i> : característico de uma concorrência pura e perfeita, onde a censura é puramente científica (p. 31). <i>Campus científico heterônomo</i> : concorrência imperfeita com maior probabilidade de intervenção (por parte dos agentes) de forças não científicas (p. 32).
<i>Méditations pascaliennes</i> (1997b)	<i>Campus</i> : universo com <i>doxa</i> específica, conjunto de pressupostos indissociáveis (cognitivos e avaliativos), cuja aceitação implica o próprio pertencimento ao campo (p. 145)
Por uma Sociologia da Ciência (2001)	<i>Campus</i> : é um jogo, um conflito regulado (p. 84-89). <i>Campus científico</i> : “universo de relações objetivas de comunicação e de concorrência reguladas em matéria de argumentação e de verificação” (p. 99).

Fonte: elaborado pelas autoras

Campus não são estrutura fixas (BOURDIEU, 1994), mas sua estrutura permite explicar, simultaneamente, os princípios de divisões internas em função dos quais ocorrem os conflitos, as controvérsias, as competições e os limites históricos do funcionamento do *campus*, e as

relações entre o que lhe é interno (característico do campo) e o que é externo (“estranho” ao campo) (PINTO, 1998).

O *campus* é, portanto, “um universo em que estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem e difundem a arte, a literatura ou a ciência” (BOURDIEU, 1997a). Se cada campo é então autônomo, já que possui especificidades que o distinguem dos outros, qual seria, indaga Bourdieu, o grau de autonomia de um determinado campo? No campo organizacional, seria preciso saber qual a natureza das pressões externas, sob qual forma elas se exercem e sob quais formas se manifestam as resistências que caracterizam a autonomia do campo (quais seriam os mecanismos que o campo organizacional aciona para se libertar das imposições externas e reconhecer suas determinações internas). A autonomia do campo se manifesta na sua capacidade de refratar as pressões externas, retraduzindo-as sob nova forma. “O grau de autonomia de um campo tem por indicador principal seu poder de refração ou retradução” (BOURDIEU, 1997a).

Depreende-se da leitura realizada sobre *campus*, que as relações de forças e conflitos entre os agentes do *campus* definem a sua estrutura, mas o que define a posição do agente é a distribuição do **capital** (conceito abordado no próximo tópico) específico que o agente acumulou.

Capital: conceitos e definições

As lutas que ocorrem entre os agentes, no *campus*, têm por objetivo manter ou modificar as diferentes formas de recursos ou **capital** que determinam a posição que eles ocupam neste campo (BOURDIEU, 1979). Cada *campus* tem um capital específico que funciona como “fator explicativo das práticas” deste *campus*.

Embora as primeiras definições atribuídas ao termo capital, na obra de Bourdieu, sejam provenientes da economia (BOURDIEU, 1963, 1964), ele apresenta uma proposta em que o capital se desprende de sua versão marxista de acumulação material e passa a incorporar componentes culturais, sociais e simbólicos (Quadro 3). Foi somente em *La Distinction* (BOURDIEU, 1979) que o conceito se consolidou e passou a ser utilizado na análise do espaço social. No *campus* - espaço social -, os diversos tipos de capital podem ser convertidos uns nos outros (BOURDIEU, 1984a).

Quadro 3 - Leitura cronológica do conceito de **capital**

Obra e ano	Capital
<i>A distinção</i> (1979)	Capital específico: “é uma relação social”. Ou seja, uma energia social que existe e produz seus efeitos apenas no campo em que ela se produz e se reproduz; cada uma das propriedades associadas à classe <i>recebe seu valor e sua eficácia das leis específicas de cada campo</i> (p. 107).
<i>O senso prático</i> (1980)	Estados de capital: “duas objetivações da história, a objetivação nos corpos e a objetivação nas instituições ou, o que dá no mesmo, dois estados do capital, objetivado e incorporado, pelos quais se instaura uma distância em relação à necessidade e suas urgências” (p. 93-94).
<i>Homo Academicus</i> (1984)	“capital hereditário ou adquirido”: origem social (profissão do pai), origem geográfica, religião da família de origem. (p. 60).
<i>Questions de sociologie</i> (1984b)	Capital social: o que o senso comum denomina “as relações” (p. 55).
<i>Langage et pouvoir symbolique</i> (1991)	Capital pessoal: a) de notoriedade – fundado no prestígio familiar, competência profissional ou serviços prestados; b) de popularidade – fundado no fato de ser conhecido e reconhecido por “ser quem é” (de ter um “nome” ou ser “renomado”).

	Capital delegado: no caso de professores – produto de uma transferência limitada e provisória (que pode durar toda vida) de um capital de propriedade da instituição e controlado por ela (pp. 244-245).
Os usos sociais da ciência (1997a)	Capital científico: “espécie particular do capital simbólico (o qual é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento), que consiste no reconhecimento (ou crédito) atribuído pelos pares concorrentes no interior do campo científico” - Citation Index, prêmios, medalhas (p. 26). Capital científico: a) “puro” – poder específico e individual que repousa sobre o reconhecimento dos pares (forma de acumulação: publicações e invenções); b) institucional – poder institucional e institucionalizado que está ligado às posições ocupadas pelo cientista nas instituições de pesquisa (forma de acumulação: estratégias políticas). (pp. 35-36).
Méditations pascaliennes (1997b)	Capital (em suas diferentes espécies): “conjunto de direitos de preempção sobre o futuro” (p. 324).
La domination masculine (1998)	Exemplos de capital simbólico: reputação da mulher (p. 69), a própria mulher (p. 70). Formas de acumulação deste capital: “ponto de honra” – estratégias de fecundidade, estratégias matrimoniais, estratégias de sucessão, todas orientadas à transmissão de poderes e privilégios hereditários. (p. 73).
Por uma Sociologia da Ciência (2001)	Capital científico: “espécie particular de capital simbólico, capital fundado no conhecimento e no reconhecimento. Poder funcional como forma de crédito, pressupõe a confiança ou a crença dos que o suportam porque estão dispostos (pela sua formação e pelo próprio fato de pertencer ao campo) a atribuir crédito”. (p. 53).

Fonte: elaborado pelas autoras.

Ao longo da década de 1970, Bourdieu se dedica a vários estudos empíricos sobre o processo de diferenciação social. Deste longo processo, desponta o livro que é considerado como central em sua obra: *A Distinção*, no qual o autor propõe uma Teoria Geral de Classes Sociais a partir do estudo das correlações entre práticas culturais e classes sociais^{ix}. Do marxismo, Bourdieu se apropria da ideia de “consciência de classe” que integra ao conceito de *habitus* (BURAWOY, 2010). Para ele, os julgamentos dos gostos e preferências dos agentes não são “um dom natural”, mas determinados pela posição social ocupada pelos agentes, de modo a afirmar essa vinculação social. Existem diversos domínios culturais, alguns mais nobres (música clássica, pintura, literatura...) e outros em vias de legitimação (cinema, fotografia, música popular). No âmbito de cada um destes domínios, há diferentes níveis de distinção que podem se manifestar sob os mais variados aspectos: roupas, local de residência, formação escolar, lazer etc. Ou seja, os “traços” de distinção estariam inscritos nos corpos dos agentes (na forma de *habitus*), o que revelaria até que ponto as normas sociais são interiorizadas por esses agentes.

Para “olhar” estes traços distintivos dos agentes, Bourdieu (1979) propõe que o mundo social é o espaço social, e o fator econômico (que antes determinava a posição do agente no mundo) é, agora, substituído pelo bem simbólico. Uma análise de mundo sob esta perspectiva implica buscar compreender o lugar e as trajetórias de cada agente neste espaço social, ou microcosmo ou *campus*, a partir de três dimensões: o volume global de **capital de cada agente**; a identificação do **capital (econômico) específico do campo estudado** e seus modos de mensuração; e a análise do **capital cultural** (bens de natureza simbólica, códigos sociais de conduta, de cultura, os diplomas etc.).

Depreende-se que **capital**, para Bourdieu (1979), incorpora aspectos subjetivos (sistemas de esquemas) e objetivos (bens econômicos ou culturais). Ao analisar o *campus* (BOURDIEU, 1984), o autor aporta ao conceito de **capital** diversos aspectos que sintetizam a dicotomia subjetivismo-objetivismo. No entanto, no desenvolvimento de suas pesquisas empíricas (BOURDIEU, 1997a), o autor não incorpora em sua análise os aspectos objetivos. Este capital se constitui em propriedades objetivadas - bens econômicos ou culturais - associadas aos agentes que têm cotação no *campus*.

Estudar assim o espaço social - *campus* - significa, para Bourdieu, a interpretação das estratégias de distinção entre os agentes – de acordo com o **capital** que cada um detém. Para ele não existe o indivíduo com livre-arbítrio. O estilo de vida e suas características intrínsecas são retraduzidos pelo *habitus* – princípio gerador e unificador de práticas distintivas. Uma ideologia dominante sempre estará ”por trás” dos gostos individuais e fundamentando as questões de dominação social (BOURDIEU, 1994). Ao entrelaçar, teoricamente, os três conceitos, Bourdieu propõe um sistema teórico em que o agente – dominado – não tem consciência desta dominação, mas colabora com ela.

CONCLUSÃO

A praxiologia proposta por Bourdieu, ao entrelaçar três conceitos centrais – *habitus*, *campus*, e **capital** - permite lançar um olhar mais abrangente sobre as organizações e seus agentes.

A busca da compreensão do *habitus* do executivo pode representar um avanço nas pesquisas sobre organizações e permitir o desenvolvimento de um conhecimento sobre este *habitus*, como resultado de certo “modo de disposições” que o caracteriza. A partir do contexto teórico proposto por Bourdieu, um executivo só ganha habilidade para improvisar livremente em suas atividades de gestão após haver, por um longo tempo, realizado estas atividades e adquirido as regras que fundamentam esta ação (de gestão). Somente após haver interiorizado os “códigos” ou “regras” de gestão (“estruturas estruturadas”) é que o executivo/gestor estará apto a criar, inventar, e transmitir suas atividades de gestão (“estruturas estruturantes”). Isto significa que a “liberdade” de gerir é produto de constrangimentos e estruturas profundamente enraizadas no agente social (executivo/gestor) que a produz. O *habitus* se traduz em propulsores de ação e pensamento que fundamentam o agir do gestor na organização. A organização é o *campus* onde este agir se manifesta.

Ao longo da obra do autor, depreende-se que o conceito de *campus* pode ser aplicado aos mais diversos espaços sociais. Pode ser um indivíduo, ou uma disciplina ou um microcosmo social (literário, científico, artístico ou organizacional). O que define o *campus* são, sem dúvida, suas características comuns: todo *campus* tem uma *doxa* (senso comum) e uma *nomos* (leis gerais que governam o *campus*); todo *campus* tem exigências que lhe são imanentes e o caracterizam; como *campus*, tende à autonomia; o *campus* é reconhecido pelos agentes como tal; é um espaço de lutas, jogos e conflitos de dominação.

Os conflitos de dominação indicam a tendência de permanência do *status quo* “feito corpo” (*habitus*) pelo agente. Assim, as organizações, analisadas a partir da proposta teórica de Bourdieu (1997a), são *campus*, parte de um espaço social. O estudo deste *campus*, a partir de um olhar “bourdieusiano”, pode auxiliar a compreensão dos fenômenos relacionais característicos dos agentes que integram esta organização.

O *campus* é um espaço de relações. Lutas e conflitos fazem parte do dia-a-dia do *campus*, cujas práticas (escolhas, gostos etc.) são resultantes de uma estrutura dinâmica de forças entre os agentes que integram este campo (BOURDIEU, 1994). A posição social atribuída aos agentes em determinado *campus* social depende, especificamente, do capital específico – relativo àquele campo – que eles podem mobilizar. Na proposta de Bourdieu, a posição ocupada pelos agentes, por exemplo, executivos em grandes organizações, apresenta uma configuração particular que pode ser definida de modo teórico por todos os fatores que operam as áreas da prática, quais sejam: volume e estrutura de capital, definidos por sua evolução (trajetória profissional), sexo, idade, etc. Segundo Bourdieu (1979), a lógica específica do campo, do que está em jogo e da espécie de capital necessário para participar do mesmo é que comanda as propriedades, através das quais se estabelece a relação entre a classe e a prática.

O conhecimento sobre o *habitus* e o *campus* é indissociável à análise do agente – gestor/executivo e, conseqüentemente, ao **capital** deste agente. As oportunidades que um executivo tem de submeter as forças do campo organizacional aos seus desejos serão proporcionais à sua força sobre o *campus*, isto é, ao seu capital específico, à sua posição na estrutura de distribuição de capital. Considera-se o capital específico – aquele que tem “valor” na organização pesquisada - como “uma espécie particular de capital simbólico” (BOURDIEU, 1997a, p. 26). A definição de capital que melhor se adequa ao desenvolvimento de pesquisas em organizações - por englobar capital econômico, social, simbólico e cultural - é utilizada por Bourdieu na análise do mundo acadêmico, em *Homo Academicus* (1984).

A partir deste ensaio conclui-se que os conceitos, que em muitos artigos são apresentados como se fossem definições, evidentemente não fazem sentido. Para entender Bourdieu é preciso percorrer o SEU caminho, situar-se em SUAS pesquisas. Bourdieu não define uma única vez, ou somente de uma maneira, os conceitos-chave de sua praxiologia. É preciso, sim, enveredar pelas descobertas dos usos dos conceitos, como se eles estivessem em constante aprimoramento e requinte. Espera-se que este ensaio contribua para oferecer ao leitor esta visão de Bourdieu, uma “hermenêutica”, delimitada aos conceitos centrais da teoria do autor.

Como contribuição prática, espera-se que a apreensão completa da praxiologia de Bourdieu, defendida neste ensaio, permita uma compreensão mais profunda da realidade organizacional, na medida em que, para entender o *habitus*, é necessário voltar-se à compreensão do espaço social (*campus*), retraduzido pelo *habitus*. Uma ideologia dominante subjacente ao *campus* fundamenta as questões de dominação, logo, de *capital* (simbólico ou material).

REFERÊNCIAS

- BAUDELOT, C.; ESTABLET, R. **Allez les filles!** Paris: Éd. du Seuil, 1992.
- BOURDIEU, P. **Sociologie de L’Algérie**. (Coll. Que sais-je?), Paris: Ed. PUF, 1958.
- _____. Célibat et condition paysanne. **Études Rurales** (En ligne), n. 5-6, p.32-136, 1962.
- BOURDIEU et al. **Travail et travailleurs en Algérie**. Paris: Mouton, 1963.
- BOURDIEU, P.; SAYAD, A. **Le Déracinement: la crise de l’agriculture traditionnelle en Algérie**. Paris: Éd. Minuit, 1964.
- BOURDIEU, P. La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du propre de la raison. **Sociologie et Sociétés**, v. 7, n. 1, p. 91-118, 1975.
- _____. **La Distinction**. Paris: Éd. Minuit, 1979.
- _____. **O senso prático**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009 (1.ed. 1980).
- _____. **Ce que parler veut dire**. Paris: Fayard, 1982.
- _____. **Homo Academicus**. Paris: Éditions de Minuit, 1984a.
- _____. **Questions de Sociologie**. Paris: Éditions de Minuit 1984b.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J-C.; PASSERON, J-C. **A profissão de sociólogo - preliminares epistemológicas**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1990.
- BOURDIEU, P. **Langage et pouvoir symbolique**. Paris: Éditions du Seuil, 1991.
- _____. **Raisons Pratiques: Sur la théorie de l’action**. Paris: Éditions du Seuil, 1994.
- _____. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997a. 86p.

- _____. **Meditations Pascaliennes**. Paris: Éditions du Seuil, 1997b.
- _____. **La domination masculine**. Paris: Éditions du Seuil. Paris, 1998. 134p.
- _____. **Para uma Sociologia da Ciência**. Lisboa: Edições70, 2001.
- BURAWOY, M. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010
- CORCUFF, P. Respect critique. In: **Pierre Bourdieu**. Son œuvre, son héritage. (Ouvrage Collectif). Paris: Éd. Sciences Humaines, 2008. p.76-86.
- DORTIER, J.F. Les idées pures n'existent pas. In: **Pierre Bourdieu**. Son œuvre, son héritage (Ouvrage Collectif). Paris: Éd. Sciences Humaines, 2008. p.7-16.
- PINTO, L. **Pierre Bourdieu et la théorie du monde social**. Paris: Éditions Albin Michel S.A., 1998.
- SETTON, M. G. J. The theory of habitus in Pierre Bourdieu: a contemporary reading. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60-70, mai.-ago. 2002
- SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 208 p.
- SOUZA, E.C. L.; FENILI, R. R. The study of organizational culture through practices: a proposal in the light of Bourdieu's legacy. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 14, n. 4, p. 872-890, 2016.
- STERNBERG, R.J. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2000
- TAVARES NETO, J. Q.; MEZZAROBA, O. O Método enquanto pressuposto de pesquisa para o Direito: A contribuição de Pierre Bourdieu. **Revista de Direito Brasileira**, v. 15, n. 6, p. 116-132, 2016.
- THIRY-CHERQUES, H.R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP - Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 1, p. 27-55, 2006.
- TROGER, V. Bourdieu et l'école: une démocratie désenchantée. In: **Pierre Bourdieu**: son œuvre, son héritage. (Ouvrage Collectif). Paris: Éd. Sciences Humaines, 2008. p. 25-35.
- VASCONCELOS, M. D. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Educação & Sociedade**, vol. 23, n. 78, p. 77-87, 2002.
- WACQUANT, L.J.D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista de Sociologia Política**, n. 19, p. 95-110, 2002.
-

ⁱ Os artigos fruto da revisão bibliográfica sistemática não constam das referências, mas podem ser pesquisados nas bases mencionadas, a partir dos parâmetros definidos.

ⁱⁱ Segundo se depreende do texto de Dortier (2008), tratava-se de um ressentimento em relação a uma provável “exclusividade” de pertencimento a determinada classe social. A origem campestre de Bourdieu o deixaria “à margem” dos colegas burgueses do colégio.

ⁱⁱⁱ Nas Referências encontra-se toda a literatura pesquisada sobre o autor Pierre Bourdieu, o que inclui alguns autores que o estudaram (SINGLY, 2007; THIRY-CHERQUES, 2006; PINTO, 1998; WACQUANT, 2002) e trouxeram valiosas contribuições para esta análise.

^{iv} Neste artigo, optou-se por colocar o ano da primeira edição da obra a fim de permitir um olhar cronológico sobre os conceitos.

^v Estilos de vida: “propriedade pelas quais se diferenciam (os agentes), com ou sem intenção de distinção, os ocupantes das diferentes posições no espaço social” (BOURDIEU, 1979:233).

^{vi} Neste livro, Bourdieu toma emprestado da economia o termo mercado e o aplica à linguagem e às trocas linguísticas, a partir de vários exemplos históricos ou institucionais de produção ou reprodução e utilização da linguagem. Para Bourdieu, em *Ce que parler veut dire* e em *Langage et Pouvoir Symbolique*, o mercado é um espaço social determinado, onde o produtor da linguagem oferece um produto socialmente caracterizado que só se completa se o receptor da linguagem possui os esquemas de interpretação adaptados. A efetivação desta transação produzirá o valor simbólico e o senso do discurso, que são representativos do poder simbólico que ele representa.

^{vii} “Fez corpo” no sentido de pertencimento. Cada agente encontra na conduta de seus pares a ratificação e legitimação de sua própria conduta, que “de volta”, ratifica e, às vezes, retifica a conduta dos outros.

^{viii} O conceito de *campus* está contido no item “Campus: microcosmo social relativamente autônomo” deste artigo.

^{ix} Para Bourdieu (1979), as classes sociais seriam representativas da posição ocupada pelo agente em um *campus* específico.